

O privilégio ronda

ESTADO DE SÃO PAULO

o Congresso

* 6 ABR 1990

ALOYSIO AZEVEDO



Não há gatos em Brasília. A falta de umidade no ar protege os ratos. Pequenos e grandes, às vezes imensos, eles estão por toda a parte. Mas, certamente, não há poetas por aqui, em meio a tanta burocracia, poucos bares e nenhuma esquina. Há muito medo e ódio nestes tempos de mudanças e determinação. Tramas demais. O velho Estado cartorial está ferido de morte e desmoralizado. Não há como defendê-lo à luz do dia.

A fisiologia e a clientela perambulam, desesperadas, pelos corredores do Congresso, muitas vezes acobertadas pela cumplicidade silenciosa de jornalistas desempregados de duvidosas funções públicas. A corrupção, apavorada e presa nos fundos ao portador, assiste a tudo isso sem poder manifestar o seu rancor. Nenhuma modificação aceitável do pacote satisfaz o privilégio. É duro, um sofrimento só, uma dor pela qual clama a Nação há tanto tempo. Uma dor que não inspira os poetas.

O Brasil está em estado de choque. Precisávamos abater o tigre inflacionário com um tiro certo, mais do que mesmo respirar. Era necessário reformular o papel do velho Estado patrimonialista, paternalista e inibidor do desenvolvimento da sociedade dos homens, cuja falência foi decretada em todos os planos, mas particularmente no plano moral. Era vital para o relançamento da economia e da democracia a recuperação da dignidade nas relações estatais. Não podíamos mais adiar a emissão de um sinal notável, para a maioria marginalizada, de que a hora da distribuição igual de oportunidades e de justiça estava chegando, que chegaria logo a vez de sua integração ao mundo da civilização e da cidadania. Tudo isso ficou claro ser um imperativo do Brasil novo. Era o veredicto eleitoral. Mas, na hora em que o presidente honrou suas promessas e, fiel a esses compromissos maiores, passou a governar, muitos de nós percebemos que estávamos blefan-

do novamente, duvidando dos imperativos nacionais. Daí esse estado de choque.

Como sair do choque? Pressionando o Parlamento para que ele anule o plano, restabelecendo as relações de privilégios e revelando os nossos e os também seus maiores defeitos? Não creio. Hoje em dia, até a canalha mais estropeada, que foi pega no fundo ao portador, precisa e quer ser salva. E nós sabemos que a economia informal cresceu tanto porque, em correspondência, se aproveitou a crise do Estado e o descrédito no governo. Temos, por isso, uma chance de sair dessa sem perdas irreparáveis. Será que a alimentação do ressentimento dos derrotados de 15 de novembro por lobbistas desses penduricalhos brasileiros satisfará o Brasil trabalhador, que cada vez mais olha para o Planalto como algo exótico, um tumor que cumpre extirpar? Não creio.

O tiro foi certo e abateu o tigre. Um cruzeiro valorizado está correndo para o bolso do trabalhador, desse

**O tiro
foi
certo e
abateu
o tigre**

trabalhador escaldado que não se deixará levar pelo canto irresponsável da sereia consumista. Demitir é caríssimo e concorrer será preciso. Mas, para concorrer, é preciso manter a empresa preparada. A corrupção foi aprisionada num grande campo de concentração, conhecido de todos. Agora, concorrer será mais barato e regular. A máquina estatal está sendo reduzida ao núcleo de servidores verdadeiros que o Brasil moderno requer, servidores que serão cada vez mais dignificados, promovidos e valorizados (no nosso ministério já o identificamos e capturamos, graças a Deus). Sem prejuízo da liquidação do "cartel das carroças" (esperamos), a venda de automóveis está sendo estimulada e outros sinais serão oportunamente dados pelo governo aos setores produtivos que formarão na ponta do novo modelo de desenvolvimento brasileiro. Aos poucos, os verdadeiros empresários sairão do choque e passarão a ver o novo horizonte, arriscarão mais facilmente o seu e mesmo o nosso. Ai, sim.